

Apresentação ao Dossiê

Jorge Mattar Villela

Professor/PPGAS-UFSCar

A antropologia brasileira pouco dirigiu a sua atenção ao Sertão, seja como região, seja como conceito. 2002 foi o ano da publicação da primeira etnografia dedicada ao Sertão de Pernambuco (*Intrigas e Questões*, de Ana Cláudia Marques, publicado no Rio de Janeiro pela Relume Dumará, Coleção “Antropologia da Política”), assim, como letra maiúscula, por se tratar de uma mesorregião delimitada política, ecológica e administrativamente. Em 2004, por conta de um projeto de pesquisa, procurando documentos do Arquivo Estadual Jordão Emerenciano, o principal arquivista, um filho de um município sertanejo me perguntou o que eu achava da ausência de pesquisas na região, mesmo no que tocava à História. Neste mesmo ano fiz um levantamento nos Programas de Pós-Graduação de História, Ciência Política, Antropologia e Sociologia da UFPE. Salvo pelos temas do canção – para a História –, da globalização, por conta das terras irrigadas no São Francisco – para a Ciência Política e para a Sociologia –, e da complexa temática das terras, demarcações e populações indígenas, havia duas teses e dissertações sobre a região. Pernambuco gosta da Mata e de Recife. De Gilberto Freyre aos dias atuais. De 2006 até o momento apenas uma dissertação foi defendida, por Maria das Graças Araújo Vieira, neste mesmo programa, sobre os casamentos consanguíneos no Piancó.

Para os demais Programas de Pós-Graduação em Antropologia estabelecidos no Nordeste, um breve levantamento revela os escassos esforços para se mostrar e se pensar no sertão e com os sertanejos: de 2008 até hoje, uma dissertação defendida na UFPB, sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente em Catingueira; no Rio Grande do Norte, uma dissertação sobre a Vaquejada; na UFBA, uma dissertação defendida em 2013 sobre as lavadeiras de Rio em Sobral.

Em 2011 as professoras Custodia Selma Sena e Mireya Suárez publicaram a coletânea *Os Sentidos do Sertão* (Goiânia, Cânone Editorial). Em grande medida, em que pese a bela heterogeneidade dos textos ali publicados, essa coletânea fala antes de um sertão quer conceitual, quer mítico, em certos casos, mito-histórico, fabuloso. É mais da narrativa do que da vida concreta e cotidiana que esse interessante livro trata. No que se refere a esse último aspecto, vale insistir, os textos são raros.

Mesmo no Programa de Pós-Graduação onde trabalho e oriento, até hoje apenas duas dissertações de mestrado e nenhuma tese de doutorado foram defendidas. Em 2012 Carla

Camargo concluiu uma etnografia intitulada *Partidos e Grupos Políticos num Município no Sertão de Pernambuco*. A respeito deste tema, na condição de tese ou dissertação, esse foi o primeiro trabalho defendido em um Programa de Pós-Graduação acerca de um problema central e que de alguma forma, como venho tentando descrever há alguns anos, determina e organiza uma relevante parcela das vidas dos habitantes do sertão de Pernambuco: a política partidária e eleitoral.

Apenas agora, em 2016, a segunda dissertação de mestrado foi defendida. Ariane Vasques etnografou outra atividade histórica e contemporaneamente central para os sertanejos: o *laboro com a criação*, quer dizer, a lida secular que estabelece uma relação íntima e mutuamente determinante entre cabras e bodes, homens e mulheres e a caatinga. E será apenas em 2017 que se defenderá, neste mesmo Programa da UFSCar, talvez a primeira dissertação de mestrado em Antropologia acerca de um dos temas mais recorrentes na história, no folclore e na cosmologia sertaneja e brasileira: o vaqueiro catingueiro, uma das figuras mais relevantes para a mitologia nacional.

Por este motivo, deve-se compreender que é a R@U, a publicação bianual de Antropologia do PPGAS-UFSCar, o primeiro periódico a reunir alguns (como sempre escassos) artigos acerca dessa região tão ampla em nosso território, assim como tão cuidadosamente fabricada. E é precisamente este o ponto em que se concentra um dos artigos desta coletânea, o de Roberto Lima, numa abordagem comparativa entre duas noções mítico-geográficas: o Sertão no Brasil e a Mesoamérica no México. Esses dois conceitos, sustenta Lima, podem ser quebrados em fragmentos narrativos a serem posteriormente submetidos a uma análise estrutural em relações entre “mitemas”, rebatendo os mitos fundadores dos dois Estados Nacionais.

Como foi ensaiado há alguns anos por Amir Geiger e eu, em texto apresentado por ocasião de uma Anpocs, a memória, ao menos do sertão de Pernambuco, faz história municipal facilitando-se da genealogia familiar e das complexas noções de sangue e de família. É precisamente duma certa mnemotecnica, a das imagens fotográficas, que trata a etnografia de Laís Meneguello Bressan. Essa jovem antropóloga emprega a via imagética para a apresentação que os sertanejos e as sertanejas fazem de si por meio da manutenção, da revelação e da recriação da memória. Memória decerto familiar e por isso mesmo política, uma vez que política e família, enleadas que são pela memória, implicam-se mutuamente, assim como se fazem uma à outra.

A política eleitoral é o tema da pesquisa e da cuidadosa etnografia de Aaron Ansell, baseada em 24 meses de pesquisa de campo no sertão do Piauí. Ansell, dentre outros méritos, dispõe de forma muito sofisticada os modos como é tratada localmente certa terminologia considerada capaz de lidar com as práticas e concepções da política eleitoral. Há 60 décadas ao menos, antropólogos dos dois lados do Atlântico importaram dos romanistas as noções de patronato (geralmente traduzida no Brasil por “patronagem”) e de clientelismo para dar conta do que se considerava a “fracá implementação” da democracia representativa no Brasil. Após severas críticas recebidas nos últimos 20 anos, o par conceitual é recuperado por Ansell tal como mobilizado pelos intervenientes diretos após os impactos das políticas de distribuição de renda implementadas pelos governos do Partido dos Trabalhadores. Ansell mostra como essas medidas econômicas modificaram o modo de ver e de agir nas eleições no sertão do Piauí.

Enfim, esses três artigos, acompanhados pelas impactantes fotografias de Renan Pereira reunidas no caderno de imagens deste mesmo número de R@U, publicados nesta breve coletânea talvez se possam considerar como um ponto de inflexão nos estudos acerca das vidas, das atitudes, dos conceitos de milhões de pessoas que vivem em uma das maiores parcelas do território (existencial) do Brasil e que, ainda assim, têm tido, segundo suas próprias queixas, poucas oportunidades de expressar-se e de se manifestar. E sabemos bem quais são as terríveis reações que recebem quando, de vez em vez, ousam fazê-lo.